





# É GRANDE A DISTÂNCIA ENTRE O DISCURSO OFICIAL E A REALIDADE

Magda Becker Soares

POR MARCOS CRIPA

Professora titular aposentada junto à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Magda Becker Soares vem desenvolvendo importante trabalho no campo dos estudos da linguagem e, particularmente, dos processos de alfabetização. Intelectual comprometida não apenas com a pesquisa acadêmica, mas com as práticas educadoras voltadas para a transformação social, Magda Soares produziu uma série de pesquisas que ajudaram a ampliar a discussão acerca das interfaces linguagem/sociedade. Neste particular, com o seu livro "Linguagem e Escola", mostrou que o problema do fracasso escolar decorre, sobretudo no campo do ensino da língua materna, de práticas educadoras preconceituosas e discriminadoras das diferentes variedades de fala que circulam entre as classes populares.



meu despertar para o trabalho no campo da linguagem se deu meio por acaso, e foi relativamente tardio. Até o 3º ano científico estava me preparando para a área de ciências exatas. Eu tinha dúvidas apenas quanto ao curso que faria: Física ou Engenharia Química. Acho que era, em grande parte, a influência da profissão do meu pai: ele era médico, professor da Universidade Federal Minas Gerais, trabalhava com Física, na área de Biofísica, e eu tive, através dele, minha iniciação na vida acadêmica e na UFMG. Quando pequena, ia com meu pai para o laboratório dele, ficava lá vendo o que ele fazia, andava de laboratório em laboratório. Assim, tive desde muito cedo uma forte convivência com a universidade. Eu gostava muito de ciências exatas e confesso que, até chegar ao 3º ano científico, nem sabia que existia um curso de Letras. No terceiro ano científico é que tive uma professora de português que exerceu uma influência muito grande sobre mim. Ela estava terminando o curso de Letras, foi dar aulas para nós, e eu absolutamente me apaixonei por língua portuguesa, por literatura, por francês. Foi por essa professora que eu fiquei sabendo que existia um curso chamado Letras, em que eu podia estudar línguas clássicas ou neolatinas, e decidi que realmente o que eu queria estudar era línguas e literatura.

Essa professora que me indicou e abriu o caminho para a área de Letras foi Ângela Leão, uma professora excepcional. Na época, ela era aluna concluinte do curso de Letras, depois fez carreira universitária, foi professora titular da UFMG, e, ao se aposentar, transferiu-se para a PUC/Minas, onde coordena atualmente os cursos de pós-graduação.

### **Professores bem-sucedidos**

Sempre me faço essa pergunta: o que têm de diferente professores como Ângela Leão, que despertam no aluno o entusiasmo pelo estudo, por um tema, seja ele qual for? Não sei ao certo, mas creio que esse entusiasmo é transmitido pela paixão que o professor tem por seu trabalho docente e pela área

de conhecimento em que trabalha. Essa hipótese me preocupa bastante porque, como formadora de professores, fico pensando: como é que se ensina alunos, futuros professores, a ter paixão pela docência e pelo conhecimento? Será isso "ensinável"? E é essa paixão que parece decisiva para conduzir a bons resultados. Uma pesquisa que fiz sobre alfabetizadoras bem-sucedidas veio reforçar essa minha hipótese. Analisei aquelas professoras que conseguem alfabetizar a quase totalidade de seus alunos, trabalhando em escolas públicas, com crianças de camadas populares, condições em que o fracasso na série de alfabetização é enorme neste país, há décadas. Os resultados mostraram como explicação principal do sucesso dessas professoras o entusiasmo, a paixão pelo ato de alfabetizar e pela criança: elas gostavam de ensinar, elas acreditavam nas crianças, elas demonstravam paixão pela ação alfabetizadora. Como formar professoras que sejam assim?

### **Opção pela educação e pelo social**

Fiz o 1º e 2º graus - então primário, ginásio, colegial - em uma única escola particular, confessional metodista, em Belo Horizonte. Fui criada na religião protestante metodista e estudei 12 anos em colégio metodista; dele saí diretamente para a universidade, para o bacharelado e a licenciatura em Letras. Apesar de ter abandonado a religião metodista aos 18 anos, atribuo em grande parte a essa formação religiosa meu interesse pela educação e meu compromisso social. O protestantismo vê a religião como uma ação educativa, e o metodismo é a seita protestante em que são princípios fundamentais a responsabilidade social do cristão e seu compromisso com a luta contra as desigualdades. Essa responsabilidade, esse compromisso social, carga tão pesada a carregar num país como o nosso, são, em mim, também resultado do ambiente familiar, particularmente da influência de meu pai e de meu avô paterno — este, por exemplo, era um republicano ferrenho, que tinha o busto da República e de Floriano Peixoto na sala principal da casa, ardoroso defensor da liberdade e da racionalidade, que me ensinou, aos 4, 5 anos, a cantar a Marselhesa...

## A educação no Brasil hoje

Trabalhando há quase quarenta anos com e para a educação pública, às vezes me pergunto, ao ver a situação precária das escolas, a má qualidade do ensino e as dramáticas condições de salário e de trabalho dos professores, se valeu a pena. Mas temos de reconhecer que houve melhora em certos aspectos, por exemplo na ampliação da rede escolar e aumento do número de vagas. Mas é preciso frisar que isso ocorreu por conquista do povo. Rejeito sempre a expressão "oferta de vagas"; as vagas na escola não são "oferta" do poder público; são resultado da luta do povo por educação; a ampliação do acesso à escola foi resultado da reivindicação, da exigência do povo, e não um "oferecimento" do poder público. É preciso, porém, analisar a qualidade desta educação ampliada. Por exemplo, a questão do analfabetismo. É verdade que os índices de analfabetismo diminuíram. No entanto, o significado das estatísticas tem de ser posto em dúvida. O que está sendo chamado de pessoa alfabetizada? O IBGE chega aos índices de alfabetização e de analfabetismo fazendo às pessoas a seguinte pergunta: "Você sabe ler e escrever um bilhete simples?" Em primeiro lugar, o indivíduo responde sim ou não, fazendo uma avaliação com critérios próprios não só de si mesmo mas também dos demais membros da família. Em segundo lugar, ninguém sabe, exatamente, o que é um "bilhete simples", nem o IBGE nem mesmo nós, da área da linguagem... Em terceiro lugar, o entrevistado pode responder "sim" por ter vergonha de dizer "não", ou pode dizer "não" por ter receio de que, de repente, o agente do censo tire "um bilhete simples" do bolso e peça que ele leia, e aquilo pode não ser exatamente o que ele sabe ler... Portanto, as estatísticas que o censo nos fornece não são confiáveis. Dizer que nós temos tantos por cento de alfabetizados no Brasil, para mim não significa absolutamente nada, pela forma como a pesquisa é feita.

Os programas e campanhas de alfabetização que vêm sendo desenvolvidos neste país ao longo de décadas, inclusive o que agora está sendo realizado pelo Comunidade Solidária, são programas que têm uma visão extremamente restrita do que é alfabetização.

Tanto assim que sempre entenderam e ainda entendem poder alfabetizar uma pessoa em 40 dias! E com alfabetizadores improvisados! Em 40 dias a pessoa pode no máximo aprender a decodificar e codificar a língua escrita, e isso não é suficiente para caracterizar uma pessoa como alfabetizada. Há um grande equívoco na concepção do que é uma pessoa alfabetizada.

Na verdade, acho que avançamos em aspectos muito periféricos da educação. Em aspectos fundamentais, como na questão da formação do professor, penso até que andamos para trás, porque os programas governamentais voltam-se para campanhas equivocadas de alfabetização, avaliação obscura de alunos e de escolas, informatização das escolas, e nada faz com relação ao fundamental, que é a formação do professor e a melhoria de suas condições salariais e de trabalho.

Quanto à democratização do acesso à universidade pública, é verdade que vem crescendo a proporção nela de alunos provenientes das camadas populares. Mas é preciso avaliar com mais precisão esse crescimento. O número de jovens pertencentes às camadas populares que chegam ao fim do ensino médio é muito pequeno, porque a maior parte já sofreu o fracasso da repetência e da evasão ao longo do percurso escolar. A verdade é que a democratização da educação não depende só nem sobretudo dela, educação, porque é impossível a democratização da educação numa sociedade como a nossa, dividida em classes de forma tão gritante, tão revoltante, com diferenças tão grandes de condições sociais e econômicas. Enquanto as desigualdades, as discriminações não se resolverem, a educação pouco pode fazer. O problema fundamental são as condições sociais do país. Estou me lembrando agora, e com uma enorme saudade, do meu grande amigo Antônio Houaiss, que sempre repetia isto: "enquanto não se alterarem as condições sociais do país, a questão educacional não irá mudar substancialmente...". Tal como Antônio Houaiss, apesar do fracasso da experiência socialista, eu continuo insistindo em ser socialista. Enquanto não houver mudanças radicais, vamos continuar tendo um sistema educacional discriminativo e gerador de desigualdades.





## Pesquisa e políticas públicas

Um aspecto que é importante destacar é o divórcio existente entre o discurso oficial e as políticas públicas na área da educação, de um lado, e os resultados de pesquisas desenvolvidas nessa área, de outro lado, quando a pesquisa é instrumento importante para se saber quais e como os problemas devem ser atacados. Considere-se, por exemplo, o envio de computadores para as escolas. Reconheço que o computador tem de chegar à escola: é uma utopia, no bom sentido da palavra — vamos ter de chegar lá. Mas se se considerarem os dados que aí estão, os resultados de pesquisas sobre a escola, o ensino, os professores, não há como não concluir que esta não é ainda a hora, que prover a escola de computadores não é agora uma prioridade. Outras ações são prioritárias no momento, como a questão da formação, do salário, das condições de trabalho do professor. Disso não se tem cuidado. São milhões que estão sendo gastos com a informatização da escola, milhões que estariam sendo muito mais eficazes se fossem empregados naquilo que, realmente, no momento, é necessário.

Há um outro aspecto que me parece interessante nisso que estou chamando de divórcio entre a pesquisa e as políticas na área da educação. Tem sido cada vez mais freqüente a atribuição da administração da educação, tanto em nível municipal quanto estadual, a pessoas da universidade, do meio acadêmico. É um fenômeno que valeria a pena estudar mais a fundo, porque tradicionalmente a administração da educação foi considerada não como uma questão técnica, mas como um objeto de barganhas políticas. Durante anos e anos, a escolha de Secretários da Educação, municipais ou estaduais, se fez sempre por critérios políticos. De algum tempo para cá, Estados como São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, o Distrito Federal e várias outras unidades federativas vêm fugindo a esses critérios políticos na escolha dos administradores dos sistemas educacionais, e vêm buscando esses administradores nas universidades. No entanto, é estranho como os professores universitários, os pesquisadores, ao assumir tais cargos, parecem esquecer-se do que as pesquisas que conhecem, e até mesmo que fizeram eles mesmos, evidenciam; pare-

cem esquecer-se do que leram, do que estudaram e... do que escreveram... A pesquisa existe para ajudar a compreender a realidade e é ela que mostra o que é preciso mudar, e até como é possível mudar a realidade. Não tenho visto nossos administradores provenientes da academia fazerem esse uso da pesquisa. A mudança de postura, de comportamento do acadêmico, do intelectual, quando assume um cargo executivo, tem sido surpreendente e frustrante. Exemplo inegável é o atual presidente da República, intelectual, professor universitário, pesquisador, e uma enorme decepção para toda a universidade brasileira.

## A universidade hoje

Ingressei na universidade em 1959 e aposentei-me recentemente (muito a contragosto, diga-se de passagem) — depois de quase 40 anos de profundo envolvimento com a vida acadêmica. Quando entrei para a universidade, o envolvimento político de professores e alunos era muito grande, bem como o compromisso social. Não é preciso recordar o movimento de resistência à ditadura militar nas universidades durante os anos 60 e 70, particularmente nos Estados de São Paulo e Minas Gerais, onde professores foram cassados e alunos foram presos. Progressivamente, com certeza como decorrência do regime militar, foi ocorrendo um silenciamento forçado de alunos e professores, um esvaziamento da ação social e política no meio acadêmico, e a universidade foi deixando de ser uma instância de efervescência política e de compromisso social. Esta universidade de hoje é muito diferente da que foi a "minha" universidade, nos meus tempos de estudante e nos meus primeiros anos de professora; alunos e professores se envolvem muito pouco em movimentos políticos e sociais — basta ver a pouca ou nenhuma participação de professores nas associações docentes, a pouca ou nenhuma participação dos alunos nas associações e movimentos estudantis. Professores e alunos hoje pertencem a gerações que foram socializadas e educadas sob o regime militar e viveram a infância e a adolescência tutelados. Contribui para esse descomprometimento, no que se refere aos professores, a política acadêmica que se instaurou nas últimas décadas, muito positiva, sem dúvida, mas

com conseqüências às vezes negativas na formação de um professor comprometido institucional e socialmente. Refiro-me à ênfase atribuída à qualificação e produtividade acadêmica do professor, de quem se exige que faça Mestrado, Doutorado, Pós-Doutorado, que publique, que faça pesquisa... A conseqüência extremamente positiva é que se qualifica o corpo docente e se produz cada vez mais conhecimento,

mas me parece que isso vem acontecendo em detrimento do envolvimento institucional, social e político dos professores, porque cada um está preocupado exclusivamente em construir a sua carreira acadêmica e se esquece de que temos de construir também a universidade, o ensino público, a sociedade.

Um outro aspecto que observo, e pode ser que seja uma visão parcial ou distorcida, é que faltam lideranças nas universidades. O corpo docente atual das universidades públicas é constituído, em sua enorme maioria, por jovens recém-ingressados na universidade, conseqüência do grande número de aposentadorias no país, por razões que não é necessário citar, tão conhecidas são. Por exemplo, a minha geração na Faculdade de Educação da UFMG já se aposentou toda, e a geração que veio depois da minha também. Quando ingressei na universidade como professora, havia nós, os jovens professores, mas lá estava o grupo dos mais velhos que continuavam a nos formar, já não mais como alunos, mas a nos formar como professores, e que exerciam a liderança da instituição, do ensino, da pesquisa. Hoje, todos são jovens, igualmente inexperientes, continuando a construção de uma história que desconhecem e já não há quem a revele a eles.

Além disso, estamos vivendo no país e, portanto, também na universidade, a fantasia da democracia, porque não é verdade que já temos verdadeira democracia. A fantasia da democracia faz com que não se tenha inimigo, já que ele está fantasiado de parceiro. Esta é a grande diferença que vejo entre a época atual e o período da ditadura militar. Naquela ocasião, tínhamos um inimigo muito bem configurado. Hoje, lu-

**Estamos vivendo no país e, portanto, também na universidade, a fantasia da democracia, porque não é verdade que já temos verdadeira democracia. A fantasia da democracia faz com que não se tenha inimigo, já que ele está fantasiado de parceiro. Esta é a grande diferença que vejo entre a época atual e o período da ditadura militar.**

ta-se contra o quê? se o inimigo está camuflado sob um discurso que diz, por exemplo, que tudo está melhorando, que o povo está comprando frango e iogurte, que os pobres estão podendo colocar dentadura, que as empregadas domésticas passam férias na Grécia, que as escolas estão recebendo computadores... Neste mundo da fantasia, é difícil envolver jovens alunos e jovens professores na construção de uma sociedade mais justa, de uma universidade mais comprometida política e socialmente.

Mas não quero que fique, do que disse, uma impressão de descrença e pessimismo. Apesar de não ter muitas esperanças de que os meus netos viverão num país muito diferente deste que temos hoje, vejo indicadores muito positivos de avanço social e político nos movimentos populares, nos sindicatos, nas associações de moradores, nas associações dos sem-terra e dos sem-teto, e, no caso das escolas públicas e das universidades, nos sindicatos de professores, nas associações de docentes e nas de funcionários, que têm tido uma atuação extremamente significativa e impulsionadora. Não quero, portanto, deixar uma mensagem só de pessimismo: é uma mensagem de esperança, embora de esperança de um futuro ainda muito distante.

A educação está indissociavelmente ligada às outras áreas sociais: habitação, saúde, emprego... Meu sonho é o de que um dia tenhamos um governo que promova o desenvolvimento articulado de todas essas áreas, o que não temos hoje.

**Marcos Cripa** é professor da PUC-SP.

